

## A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E SUAS RAÍZES NO MÉTODO DIALÉTICO

Joelma Castro Rodrigues Vaz<sup>1</sup>

Tiago Zanquêta de Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

A sistematização de experiências constitui-se em um procedimento metodológico que tem origem nos anos 1960, na América Latina e seu eixo central é a produção do conhecimento a partir da prática social. O método tem como base epistemológica o materialismo dialético, uma vez que, pautada na relação dialógica, vislumbra potencialidades futuras e a busca da interpretação crítica dos processos vividos. Este ensaio tem por objetivo fundamentar a sistematização de experiências nas categorias metodológicas do materialismo dialético, quais sejam: movimento perpétuo, historicidade, totalidade, determinação e contradição. Estabelecendo um diálogo entre as concepções de pensadores da corrente dialética e autores que defendem a sistematização de experiências, foi possível reconhecê-la enquanto método participativo, capaz de ocupar-se de questões e processos sociais complexos, propiciando análises em profundidade, extraindo deles denso conhecimento. Percebe-se, ainda, a sistematização enquanto ferramenta metodológica que favorece a socialização e reprodução de práticas sociais e educacionais bem sucedidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sistematização de experiências; Materialismo dialético; Educação Popular.

### ABSTRACT

The systematization of experiences is a methodological procedure which begins in the 1960s, in Latin America, and its central goal is the production of knowledge based on social practice. The method is epistemologically based on dialectical materialism, since, based on the dialogical relation, it intends future possibilities and searches for critical interpretation of the experienced processes. This essay sought to base the systematization of experiences in the methodological categories of dialectical materialism, which are: perpetual motion, historicity, totality, determination and contradiction. Establishing a dialogue between the conceptions of thinkers of the dialectical current and authors who defend the systematization of experience, it was possible to recognize it as a participatory method, able to deal with social issues and social processes, providing in-depth analysis, extracting from them great

---

<sup>1</sup> Professora no IFMG campus Bambuí. Doutoranda em Educação pela UNIUBE. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Educação na Diversidade para a Cidadania (GEPEDiCi/CNPq). E-mail: [joelma.rodrigues@ifmg.edu.br](mailto:joelma.rodrigues@ifmg.edu.br)

<sup>2</sup> Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniube. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação: formação docente para a Educação Básica – Mestrado Profissional, da Uniube. Líder do Grupo de Pesquisa Formação Docente, Direito de Aprender e Práticas Pedagógicas (FORDAPP/CNPq) e segundo líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Educação na Diversidade para a Cidadania (GEPEDiCi/CNPq). Coordenador da Rede de Pesquisadores sobre o Professor do Centro-Oeste (REDECENTRO) e Coordenador da Rede Cooperativa de Ensino, Pesquisa e Extensão em Escolas de Educação Básica – RECEPE. E-mail: [tiago.zanqueta@uniube.br](mailto:tiago.zanqueta@uniube.br)

knowledge Systematization is also recognized as a methodological tool that support the socialization and reproduction of successful social and educational practices.

**Keywords:** systematization of experiences; dialectical materialism; popular education.

## INTRODUÇÃO

A sistematização de experiências constitui um procedimento metodológico relativamente novo. Tem origem nos anos 1960, na América Latina e seu eixo central é a produção do conhecimento a partir da prática social. No Brasil, a sistematização emerge no final da década de 1990, muito ligada ao estudo de programas na área de agricultura alternativa, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável. De acordo com Sanches e Abreu (2017), no Brasil, assim como em outros países da América Latina, a sistematização de experiências surge como uma prática social transformadora, uma vez que visa à valorização das trocas de conhecimentos entre sujeitos que interagem em diferentes contextos da experiência social.

O escritor peruano Oscar Jara é tido como grande estudioso e incentivador da sistematização de experiências, visto que dedicou significativa parte de sua vida acadêmica a aprofundar-se e divulgar a proposta enquanto procedimento metodológico capaz de gerar conhecimentos a partir da prática. Para o autor, o ponto de partida para o processo de sistematização são as próprias experiências vividas, a partir das quais, pode-se obter resultados enriquecedores, como a reflexão e consequente melhoria das práticas docentes, o fortalecimento da identidade de grupos, o intercâmbio entre diferentes áreas do saber e até mesmo o desencadear de ações políticas, visto que seus resultados constituirão importantes fontes de registro de realidades específicas que podem carecer de transformações. Outro aspecto relevante é que os resultados da sistematização podem servir de exemplos ou parâmetros para aplicação em contextos semelhantes.

A sistematização de experiências tem suas raízes na concepção metodológica dialética, uma vez que busca a articulação do presente com o “vir a ser”, vislumbrando potencialidades futuras e se pauta na relação dialógica e na busca da interpretação crítica dos processos vividos, constatação esta que, inevitavelmente, remete-nos à filosofia da práxis de Antônio Gramsci. Para Gramsci (1999), a filosofia da práxis constitui uma característica central do legado de Marx, pois parte do princípio de que existe um vínculo inseparável entre a teoria e a prática; entre o pensamento e a ação. Nas palavras de Gramsci (1999), “a

Concepção Metodológica Dialética é uma maneira de conceber a realidade, de aproximar-se dela para conhecê-la e de atuar sobre ela para transformá-la. É, por isso, uma maneira integral de pensar e de viver: uma filosofia”. Neste sentido, no intuito de situar a sistematização de experiência na metodologia dialética, ancorados em Gramsci, vale adentrar um pouco mais o pensamento gramsciano, visto que a práxis, para o filósofo, vai muito além do agir, mas envolve, paralelamente, o refletir. Para Gramsci

o início da elaboração crítica é a consciência daquilo que é realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços acolhidos sem análise crítica. Deve-se fazer, inicialmente, essa análise. (GRAMSCI, 1999, p. 94).

Os apontamentos de Gramsci esclarecem que uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em atitude polêmica e crítica, pois desagua na superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente). Em outras palavras, a práxis congrega a reflexão a partir de uma dada realidade, todavia, superando a mera experiência, ao repensá-la criticamente e, ainda, ancorando-se em pressupostos filosóficos que lhe acrescentarão novos sentidos. Se o processo vivido deixou em ti, como disse Gramsci, “uma infinidade de traços acolhidos sem análise crítica” (GRAMSCI, 1999, P. 94), sistematizando-os, os reviveremos criticamente.

Ainda no século XIX, Karl Marx (2013), em sua obra *O Capital*, ao estudar a dinâmica da sociedade europeia, percorreu exatamente esse caminho: partiu do princípio de que seria necessário analisar criticamente a divisão da sociedade em classes sociais e, a partir daí, chegar à compreensão daquela realidade. Para Marx, era preciso explicar a realidade não somente com o intuito de compreendê-la, mas para estabelecer as bases teóricas da sua transformação e, assim, criar condições para que se operassem mudanças. A partir dessa linha de pensamento, torna-se claro o elo epistemológico entre a sistematização de experiências e a metodologia dialética: partir do concreto, de uma realidade específica, para se compreender a sua dinâmica, sua historicidade, as relações entre seus sujeitos. A ciência não deve ser situada acima das relações sociais, visto que ela – a ciência – constrói-se dentro da história.

Conforme aponta Wachowicz,

A análise crítica. Muita leitura, especialmente leitura sobre o problema vivido pelo pesquisador, seria o procedimento inicial. E a primeira dificuldade, de natureza conceitual, já pode vislumbrar-se aqui: ao fazer-se a crítica, já se está construindo a escolha das determinações. Afinal é uma escolha, ou uma descoberta? Seja o que for, é dali que parte o raciocínio para o entendimento da realidade. Wachowicz (2001, p. 2).

Este texto trata-se de um ensaio que tem por objetivo estabelecer um diálogo entre as concepções de pensadores da corrente dialética e autores que defendem a sistematização de experiências, de modo a reconhecê-la enquanto método participativo, capaz de ocupar-se de questões e processos sociais complexos, propiciando análises em profundidade, extraíndo deles denso conhecimento. O ensaio organiza-se de modo a apresentar, a princípio, as bases epistemológicas da sistematização de experiências, seguindo para a fundamentação deste método nas categorias metodológicas do materialismo dialético, quais sejam: movimento perpétuo, historicidade, totalidade, determinação e contradição.

### **BASES EPISTEMOLÓGICAS DA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DIALÉTICA**

Para compreender a concepção metodológica dialética, é importante voltar aos pensamentos de Hegel (1959) e Marx (1982). Partindo inicialmente do pensamento hegeliano, tem-se que, para o método dialético, a realidade está em constante transformação. O princípio da contradição de Hegel entende que existe um movimento contraditório contínuo e que, a simples concepção de uma ideia (tese) já é pressuposta para sua negação (antítese), compondo essa própria negação a gênese de uma nova concepção, que Hegel chama de síntese. Em suma, a realidade muda a cada instante e isso acontece porque as verdades não são absolutas e dialogam entre si. Todavia, a tradição dialética hegeliana remonta ao idealismo alemão, carregando, no processo histórico, ideia e realidade, sendo essencialmente movida pela primeira: a ideia, situando a dialética no campo do idealismo. Neste sentido, o idealismo dialético de Hegel propunha que o pensamento era a origem de todas as coisas e, nesse movimento de constante contradição, o pensamento, ao sair de si, daria origem ao seu contrário: a matéria. Nas palavras de Mascaro:

a dialética, para Hegel, é um processo ao mesmo tempo de entendimento racional e filosófico do mundo, mas é também o próprio modo pelo qual se dá o desenvolvimento da realidade. O indivíduo, por meio de sua apreensão imediata, percebe o conflito; dialeticamente, consegue entender racionalmente o quadro geral no qual está inserida a realidade conflituosa, e entende a razão que está ligada a esse ser. Assim, a dialética é o processo de entendimento do mundo. (MASCARO, 2018, p. 252).

Marx, por sua vez, propõe uma inversão no pensamento de Hegel: para ele, não o pensamento, mas na matéria estaria a gênese de todas as questões. Marx acreditava que essa inversão permitiria que se saísse do terreno teórico-filosófico para aportar em questões reais,

materiais, superando o que, para ele, havia sido a grande falácia do idealismo dialético de Hegel. Marx considerava que era preciso sair do campo ideológico para fundar o pensamento humano sobre novas bases, materiais, concretas. Conforme ressalta Leandro Konder (1992, p.115), para Marx, era necessária a superação das unilateralidades opostas – a do materialismo e a do idealismo - para se pensar simultaneamente a corporeidade do sujeito, sendo este portador de todo o poder material de intervir no mundo. Konder destaca que nessa intervenção, consistiria a práxis, a atividade revolucionária, subversiva, questionadora e inovadora, ou ainda, segundo o autor, numa expressão extremamente sugestiva, crítico-prática. O que fica evidente na reflexão de Konder é que a posição de Marx ante a dialética é marcadamente transformadora, ou, como ele próprio diz, revolucionária, no sentido em que abandona o subjetivismo, próprio do pensamento moderno, e aporta no campo material, onde buscar-se-ia conhecer o mundo não a partir do homem em si, mas em suas relações sociais, de trabalho.

No livro de Carlos Eduardo Sell, *Sociologia Clássica*, de 2001, a contribuição de Marx para os estudos sobre a dialética é abordada de forma bastante elementar. O autor aponta que Marx, ao contrário de Durkheim e Weber, nunca foi um sociólogo de profissão. Na verdade, ao propor um estudo profundo e sistemático do funcionamento da sociedade, Marx permitiu que outros estudiosos tomassem os elementos básicos de seu pensamento para o desenvolvimento do pensamento sociológico. Nesse sentido, é importante reconhecer que para formular as bases da filosofia socialista, Marx encontrava-se no seio de uma sociedade capitalista; era grande conhecedor do funcionamento da economia capitalista, das condições do proletariado, dos sistemas de produção, o que lhe conferiu propriedade para postular uma nova forma de pensamento; ou seja, para propor as bases filosóficas e políticas do movimento socialista, Marx buscou compreender em profundidade a realidade daquele período.

Na compreensão de Sell (2001) a dialética possibilitou à teoria Marxista repensar a relação entre indivíduo e sociedade, uma vez que essa relação, de acordo com as teorias anteriores, era tomada como um binarismo: o homem é resultado da sociedade e esta, por sua vez, é resultado da ação humana. Para a dialética, essa relação emerge como algo mais dinâmico e constante, em que tanto o homem quanto a sociedade modificam-se a todo instante, desencadeando o processo histórico-social.

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e

representados para, a partir daí, chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. [...] Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

Antes de adentrar a sistematização de experiências propriamente dita, consideramos importante mencionar as categorias metodológicas da dialética, uma vez que estas não decompõem um embasamento sólido para a relação que aqui se propõe a desenvolver: as raízes epistemológicas do método de sistematização no materialismo dialético. Conforme salienta Wachowicz, (2001), o pesquisador, na busca pela aproximação com seu objeto de estudo, faz escolhas importantes que lhe permitirão apropriar-se desse objeto. Nessa busca, ele há de se deparar, inicialmente, com as categorias simples, sendo estas compostas pelos elementos iniciais determinados durante a análise crítica que lhe permitiu eleger seu objeto de estudo; estas são as categorias de conteúdo. Num segundo momento, entretanto, o pesquisador terá que se atentar, também, para as categorias metodológicas, sendo que estas constituem a teoria que irá permear a maneira pela qual o pesquisador trabalhará seu objeto. Isto posto, se o que se propõe aqui é relacionar o método de sistematização de experiências à concepção dialética, então, compreender os conceitos de movimento perpétuo, historicidade, totalidade, contradição e determinação torna-se imprescindível.

O movimento perpétuo, como explicado por Sobral (2012), postula que a realidade possui caráter transitório e encontra-se em permanente transformação, assim, para a dialética, não existe nada eterno, nada fixo, nada absoluto; não existem ideias, princípios, categorias ou entidades absolutas, estabelecidas. (LOWY, 1998, p. 14). A historicidade, por sua vez, condiciona toda a existência humana, ou seja, as ideias e os conceitos possuem sua validade condicionada ao momento e contexto histórico em que acontecem e não existe uma realidade desvinculada de um contexto histórico-social que tenha lhe dado causa. Sobral (2012) também explica o princípio da totalidade, segundo o qual as relações não podem ser compreendidas somente a partir de si mesmas; estas enraízam-se em relações materiais advindas da infraestrutura social e nas relações materiais da vida. O princípio da contradição, já abordado anteriormente nesse texto, constitui a pedra fundamental da concepção dialética e, nas palavras do próprio Marx, consiste em que:

Assim como não se julga o que um indivíduo é a partir do julgamento que ele faz de si mesmo, da mesma maneira não se pode julgar uma época de transformação a partir de sua própria consciência; ao contrário, é preciso explicar essa consciência a partir das contradições da vida material, a partir do conflito existente

entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. (MARX, 1982, p. 25-26).

Por fim, o conceito de determinação consiste em que, no seu próprio processo de construção social, o homem engendra-se em relações que não dependem de sua vontade. Seriam estas as relações de produção, as quais são componente essencial da existência humana. “A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência.” (MARX, 1982, p. 25). A partir da compreensão dos fundamentos da concepção dialética, é possível afirmar que o método de sistematização de experiências não só tem suas raízes nessa corrente filosófica, como também é possível fundamentá-lo de acordo com as categorias metodológicas próprias da dialética, como apresentaremos mais adiante.

Oscar Jara, em seu livro “Para sistematizar experiências”, de 2006, esclarece que a sistematização é sempre um meio em função de determinados objetivos que a orientam e lhe dão sentido, ou seja, a decisão de sistematizar deve emergir em função da necessidade de se analisar e compreender uma experiência concreta. Deve-se partir do princípio da utilidade do trabalho que virá a ser desenvolvido, sabendo que os componentes básicos da sistematização – processo e produto – são indissociáveis, sendo importante diferenciá-los, principalmente quando é feito o planejamento das etapas e dos resultados que se espera obter.

Isto posto, é importante salientar que existem diferentes formas e finalidades para a sistematização, o que há de conter variações dependendo do objetivo e do objeto que se pretende sistematizar. Assim, Jara ressalta que diferentes autores enfatizam alguns elementos mais que outros e apresenta as abordagens de alguns deles:

- Reconstrução ordenada de uma experiência (MARTINIC, Sergio: *Algunas categorías de análisis para la sistematización*. CIDE-FLASCO, Santiago, janeiro de 1989.)

- Processo produtor de conhecimentos (*Taller Permanente de Sistematización, CEAAL-Peru: Y cómo lo hace? Propuesta de método de sistematización*. Lima, junho de 1992.)

- Conceitualização da prática, com o intuito de dar coerência aos seus elementos (Antillón, Roberto: *Como entendemos la Sistematización desde una Concepción Metodológica Dialéctica? Documento para discusión*. IMDEC-ALFORJA, Guadalajara, 1991)

- Processo participativo (CADENA, Félix: *La sistematización como creación de saber de liberación*. CEAAL. Santiago, sin fecha.)

Todavia, independente do foco a ser dado à sistematização de experiências, é fato que ela tem como eixo de sustentação a inserção sistemática no interior das experiências. Ela busca adentrar processos sociais complexos, visando a compreender as relações que se formam em seu interior, suas etapas, sua dinâmica, extraindo ensinamentos que possam contribuir para a reflexão e consequente melhoria da prática, além de contribuir com a construção teórica.

Ao classificar a sistematização como uma metodologia participativa, Jara (2006) a define como uma reconstrução de experiências, que permite a compreensão, registro e ordenação de uma trajetória vivenciada, de forma compartilhada, sob uma dimensão educativa. A sistematização de experiências tem sido amplamente difundida enquanto método de pesquisa que oportuniza vivências enriquecedoras e, mais importante, como produtora de conhecimento. Conforme Falkembach (2007) o método tem se firmado como objeto privilegiado de reflexão entre intelectuais latino-americanos, principalmente no campo da Educação Popular, além de estar cada vez mais presente em fóruns acadêmicos com potencial força ao propor a revisão de fundamentos e metodologias em prática na investigação social.

Ademais, no mesmo texto, Falkembach (2007) traz informações que, de acordo com a proposta deste ensaio, permite-nos compreender a gênese da sistematização de experiências em densa consonância com o materialismo dialético. Nesse sentido, a autora destaca a contribuição marxiana para a dialética, salientando que Marx desenvolveu seus estudos sobre esta concepção focado em questões sociais e, a sistematização, por sua vez, não emerge inicialmente no campo da educação, mas no campo do trabalho social.

O Serviço Social, por volta dos anos 1950, se constituía na América Latina como um campo profissional dirigido a atender os setores empobrecidos da população do campo e da cidade, que se avolumavam em decorrência dos processos de “desenvolvimento” das economias capitalistas periféricas, desenvolvimento que produzia também a exclusão social [...]. Para impor-se, a profissão de trabalhador social precisava apresentar-se publicamente servindo-se de uma imagem técnico-científica que justificasse suas funções sociais e ressaltasse os resultados de suas intervenções. O modelo de intervenção profissional - sob influência da educação e da política norte-americana, bem como a publicização das práticas desse Serviço Social criaram a necessidade de elaborar uma modalidade e um conceito de investigação social. (FALKEMBACH, 2007, p. 01).

Cabe aqui, entretanto, abrir um parêntese para salientar a relevância da Educação Popular para a questão que norteia este texto, à medida que esta não só postula, mas também



descortina ricas possibilidades de construção do conhecimento, entre elas, a sistematização de experiências. Brandão (2006), ao dissertar sobre a Educação Popular, coloca sutilmente algo que constitui a sua essência: “se é com palavras que são escritas as regras que oprimem e consagram a opressão, com elas também os homens entre si podem falar e escrever frases e modos de saber que, pronunciados e exercidos, poderão um dia libertar o homem e os seus mundos.” (BRANDÃO, 2006. p. 3). Assim, o autor introduz a potência do que vem a ser Educação Popular; conduz uma reflexão profícua, através da qual salienta a importância do saber não formal, aquele que acontece em todas as esferas sociais, que é transmitido entre gerações e que não perde seu caráter de conhecimento e aprendizado simplesmente porque não emana do sistema nem é conduzido por instituições públicas ou privadas: o saber popular.

Brandão (2006) apresenta e discute a Educação Popular, com ênfase nas questões sociais que abarcam a América Latina. Ressalta que durante quase toda a história social da humanidade a prática pedagógica existiu sempre, mas imersa em outras práticas sociais anteriores, contudo, a divisão social do trabalho faz, de quase todos os mundos sociais da América Latina, lugares onde o saber e a palavra que o conduz não estão igualmente distribuídos de modos diferentes, mas são desigualmente repartidos de modo hierárquico. Para Brandão, pensar sobre a Educação Popular obriga a uma revisão do sentido da própria educação, no sentido de que Educação Popular não parece ser um modelo único e paralelo de prática pedagógica, mas um domínio de ideias e práticas regido pela diferença, para explorar o próprio sentido da educação, através de percorrer os diferentes modos de seu ser como Educação Popular. E eis que justamente aí reside sua face dialética: na capacidade de repensar as formas tradicionais de educação e de investigação em educação, num movimento não de apresentar novas respostas, mas de elaborar novas perguntas para as quais hão de surgir novas respostas.

Isto posto, uma vez problematizada a questão da Educação Popular, enquanto terreno onde fértilmente tem sido cultivada a sistematização de experiências, retorna-se às categorias metodológicas da concepção dialética, com o intuito de sinalizar os elos entre o método aqui discutido e estas categorias tão importantes para os processos de investigação social, como veremos a seguir.

## **O movimento perpétuo**

O movimento perpétuo, hipótese fundamental da dialética, postula que nada existe de maneira permanente e imutável. Como explicado por Sobral (2012) e Franco (2012) a realidade tem natureza transitória e existe um movimento de permanente transformação. Eis a essência da dialética: não existe nada absoluto ou eterno e as ideias, princípios, entidades ou categorias estão, a cada momento, susceptíveis a transformações, o que nos permite apreender que as relações humanas, por seu caráter transitório, fundamentam-se no reconhecimento de sua própria negação e na necessária destruição de si mesmas. A autora Sá (2012), em um texto onde reflete sobre dialética, transformação e totalidade, expressa de forma enriquecedora essa questão:

A negação torna-se negação da posição superada por nova negação da negação. Só nesse momento do processo dialético, o ser, íntegro e puro, se desnuda, imediatamente, afirmativo e idêntico de si mesmo. [...] A pergunta volta sempre a ser pergunta, não para diante de fórmulas consagradas e dicionarizadas. Nesse sentido, a Filosofia e, por consequência, a Dialética é sempre problema e toda solução se dobra sobre si mesma para constituir-se em novo problema. (SÁ, 2012, p.39-40).

Tudo muda a cada instante, as sociedades evoluem em metamorfoses constantes; o concreto de agora esfacela-se no instante seguinte, certezas tornam-se dúvidas e breves análises históricas nos permitem essa constatação. Por isso torna-se essencial que processos sociais sejam analisados sob a luz da ciência e que se considere a relevância de metodologias participativas, como a sistematização de experiências, onde os sujeitos partícipes possam compreender as questões sociais das quais fazem parte, assim, operando transformações.

## **A historicidade**

Nas palavras de Fontes (2006), a vida humana transcorre sempre em sociedades, e estas têm uma história atrás de si. Isto posto, a historicidade constitui-se no fato de sermos formados, socializados, transformados em pessoas através da história e, assim, nos transformarmos ao longo do tempo, tanto em âmbito coletivo quanto em âmbito singular, individual. Sob essa perspectiva, a sistematização de experiências surgiu em um momento histórico em que o contexto social clamava por ações voltadas ao registro das campanhas e programas voltados à população menos favorecida. Conforme apontado por Falkembach (2007), entre os anos de 1940 e 1960 muitas das ações voltadas para a educação de adultos convergiam para o reforço da hegemonia capitalista e para a contenção de movimentos insurgentes, principalmente na América Latina, como a Revolução Cubana em 1959. Assim, Cadernos da Fucamp, v.22, n.54, p.96-110/2023

com a emergência da Educação Popular, ações voltadas à população empobrecida, no sentido de melhor dotá-la culturalmente, vencer o analfabetismo e integrar de fato essas pessoas à sociedade, não eram registradas. Segundo a autora, não há registros de trabalhos investigativos voltados a sistematizar as práticas sociais então realizadas.

Outrossim, como ressalta Palma (1992), a sistematização, enquanto metodologia voltada à prática de Educação Popular, insere-se nos processos históricos organizativos das sociedades com vistas a tentar resolver os problemas que ali se encontram.

Las prácticas de educación popular buscan insertarse en los procesos sociales organizativos de la población, con vistas a la resolución de sus problemas, necesidades y aspiraciones, en un contacto bien determinado...se pone en marcha o se impulsan procesos sociales de acción consciente y organizada, por medio de una reflexión crítica de su situación, que permita modificarla en el sentido del proyecto histórico popular. (IBAÑEZ, 1991, p. 33-34, apud PALMA, 1992, p. 9).

Ibañez (1991), assim como Jara (2006) e Falkembach (2007), salientam o potencial existente no método de sistematização de experiências de inserir-se nos processos sociais, compreendê-los e, possivelmente, organizá-los, uma vez que incita reflexões críticas sobre a realidade dos grupos sociais, destaque dado aos grupos desfavorecidos, podendo resultar em progressos educacionais e culturais para os sujeitos que compõem estes grupos.

### **A totalidade**

Fontes (2006), embora dedique-se, principalmente, em seu texto a dissertar sobre a dialética a partir da história e historicidade das relações, aborda também a questão da totalidade das mesmas. Segundo a autora, além de sermos seres construídos historicamente, somos seres coletivos, construídos socialmente e, enquanto humanos, definimo-nos pelo pertencimento e não pelo isolamento. Para a autora, só podemos entender o papel da reflexão de Marx sobre o econômico, quando pensamos em termos da totalidade social e da síntese tensa que ela constitui. O conceito de totalidade consiste em que as relações não podem existir de forma isolada; se assim o fosse, não comporiam relações, mas simplesmente fatos. Elas devem ser compreendidas a partir de sua coexistência com o outro e com as relações materiais que compõem a infraestrutura social e as relações materiais.

Nesse sentido, retomo Oscar Jara (2010) que nos aponta a sistematização de experiências enquanto metodologia eminentemente participativa e que permite a compreensão da realidade como um todo articulado. Ibañez (1991) também salienta que a

sistematização permite que as experiências, embora constituam-se a partir de casos particulares e processos específicos, devem ser compreendidas de forma rica e contraditória, tomadas em sua totalidade.

### **A determinação**

O conceito de determinação, por sua vez, consiste em que o homem, enquanto ser social, encontra-se em relações que independem de suas escolhas. Wachowicz (2001) esclarece que a realidade social é uma realidade determinada e, indubitavelmente, os fatos sociais são como são devido a determinadas razões e relações específicas que os compõem. A autora menciona Cardoso<sup>3</sup> (1984), segundo a qual existe uma certa causalidade nas relações humanas e estas só podem ser compreendidas quando se apreendem suas determinações. Transpondo esse pensamento para o contexto educacional, por exemplo, temos que muitas famílias não escolhem que seus filhos estudem em escolas públicas, sendo estas as únicas que sua condição social lhes permite frequentar. Do mesmo modo, muitas pessoas não decidem estudar somente quando se tornam adultas; decerto, sua condição social, econômica e familiar não lhes permitiu outro caminho senão trabalhar desde a mais tenra idade, excluindo de suas trajetórias a educação formal no tempo devido.

Partindo dessas asserções, novamente percebe-se na sistematização de experiências uma metodologia voltada para a investigação e compreensão dos processos sociais de caráter determinístico; processos estes que carecem não só de intervenções sociais, como também de análise e registro, de modo que ações bem-sucedidas possam ser divulgadas e multiplicadas em contextos semelhantes. Jara (2006) também salienta que a sistematização, enquanto método de pesquisa, objetiva descobrir as causas dos fenômenos sociais, uma vez que se interessa por experiências de realidade que são susceptíveis de serem compreendidas, sistematizadas e, quiçá, modificadas a partir de ações que tomem por base os dados obtidos através do processo de sistematização.

### **A contradição**

O princípio da contradição, cerne do materialismo histórico-dialético, estabelece que existe um movimento contraditório contínuo e que ao se conceber uma ideia (tese) já se cria

---

<sup>3</sup> CARDOSO, Míriam Limoeiro. Do abstrato para o concreto pensado. Texto transcrito de aula gravada no Programa de Mestrado em Planejamento Educacional. Rio: Fundação Getúlio Vargas, 1984. 35 p  
Cadernos da Fucamp, v.22, n.54, p.96-110/2023

um pressuposto para sua negação (antítese), compondo essa negação a gênese de uma nova concepção. Para Marx, conforme apontado por Lowy (1998), não seria possível entender o ser humano ou mesmo analisar um período histórico a partir de seu próprio pensamento abstrato, assim, fazer-se-ia necessário explicar a realidade e a vida humana a partir de suas contradições e dos conflitos que ocorrem em suas relações sociais.

Conforme apontado por Marquitt (1997), as contradições residem na base do processo de desenvolvimento social e muitas delas, além de complexas, independem da consciência humana. O autor assim exemplifica seu pensamento: em países capitalistas, as políticas colaboracionistas exercidas por líderes social-democratas são deliberadamente alimentadas pela burguesia e refletem os interesses objetivos da mesma. Tais interesses estão diretamente ligados às contradições objetivas entre a burguesia e a classe trabalhadora. Isto posto, compreender o universo social de forma dialética consiste em compreender o capitalismo para postular o socialismo; compreender os processos de produção que originam a riqueza, para então lutar por ações que mitiguem a pobreza; imaginar um mundo sem educação formal, para atribuir valor ao conhecimento.

Mais uma vez, Jara (2006) permite-nos, a partir de suas reflexões sobre a sistematização de experiências, percebê-la enquanto instrumento dialético, capaz de compreender os processos contraditórios dos quais fazemos parte, extraindo deles denso conhecimento:

Ao tentar apropriar-nos das aprendizagens de outras práticas, vamos relacioná-las necessariamente com a nossa, pondo em confronto crítico os aspectos comuns e os diferentes. Realiza-se, desse modo, uma “terceira objetivação” de nossa própria experiência, graças às contribuições que nos suscitam as experiências alheias. Seguindo esse processo não continuaremos a ver nossa prática com os mesmos olhos. Ao contrário, dialeticamente reafirmaremos posições que tínhamos antes, graças aos novos elementos que incorporamos, ou eles farão com que modifiquemos no todo ou em parte nossas apreciações iniciais. Isto fará com que tenhamos critérios orientadores válidos que permitam transformar e melhorar nossas próprias práticas e inseri-las dentro de um processo coletivo que as transcendam e por isso lhe dê sentido histórico. (JARA, 2006, p. 34).

Faz-se importante realçar o que Jara destaca em seu texto: a possibilidade de que, ao analisar nossas práticas dialeticamente, emerge a possibilidade da construção de um novo olhar – uma terceira objetivação, o que permitirá tanto reafirmar antigas posições, como

modificá-las. Ainda, ao realizar este processo de forma coletiva, além da construção de um novo aprendizado, pode-se atribuir a ele um sentido histórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sistematizar experiências significa reviver experiências. Porém, não um reviver melancólico e saudosista e, sim, um reviver de maneira planejada e organizada, quando serão registradas e analisadas as etapas e circunstâncias dos processos vivenciados. Através deste método criterioso e participativo, é possível adentrar processos sociais complexos, analisando-os de forma ordenada, contextualizando as práticas vividas e gerando novos conhecimentos. É essencial destacar a sistematização de experiências como método expoente das epistemologias do sul, as quais postulam a construção do conhecimento de forma contra hegemônica, visando a práticas de investigação científica focadas no contexto social de sociedades não europeias, porém colonizadas sob o pensamento eurocêntrico. Vale ressaltar que a sistematização emerge na seara da Educação Popular, valendo-se do entendimento de que o saber e a capacidade de aprender são inatos ao ser humano, embora, historicamente, venham sendo pensados somente a partir da educação formalmente sistematizada. Nesse sentido, salienta-se que mesmo enquanto método edificado sob bases contra hegemônicas, não se abstrai do caráter científico e não se priva de possibilidades investigativas outras, inclusive passíveis de aplicação em contextos educacionais formais.

Enquanto método de pesquisa, a sistematização tem seus fundamentos e bases epistemológicas no materialismo dialético. Em princípio, essa relação está pautada no fato de que a dialética, a partir dos estudos de Marx, foi de grande importância para a análise de questões sociais que buscaram compreender o funcionamento da sociedade, vislumbrando novos horizontes para as classes operárias em face da hegemonia capitalista. Enquanto método de pesquisa, permite a inserção do pesquisador no cerne dos processos sociais, analisando-os em profundidade compreendendo-os e propondo modificações que possam edificá-los.

Ademais, a sistematização de experiências justifica-se também nas categorias metodológicas da dialética, uma vez que, ao propor a inserção do pesquisador no interior dos processos sociais, permite que estes sejam analisados a partir de suas contradições, determinações e aspectos históricos, sendo possível compreendê-los em sua totalidade, enquanto fenômenos de uma realidade em constante transformação.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Disponível em: <https://www.ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf>. Acesso em: 05 out. 2022.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematização em Educação Popular: uma história, um debate. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UNIJUÍ, 2007. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/sistematizacao-em-educacao-popular-uma-historia-um-debate> Acesso em: 15 jun. 2021.

FONTES, Virgínia. História, historicidade e dialética. In: USOS DO PASSADO - ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RJ, 7., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. Disponível em: <http://snh2013.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Virginia%20Fontes.pdf> Acesso em: 15 jun. 2021.

FRANCO, Paulo Merli. Dialética em Marx: uma perspectiva a partir de seus elementos centrais. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, Araraquara, n. 16, p. 37-48, jan. 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/7315>. Acesso em: 15 jun. 2021.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, 6 vols. Edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios de filosofia do direito**. Lisboa: Guimarães Editores, 1959.

IBAÑEZ, Alfonso. La dialética en la sistematización de experiencias. **Revista Tarea**, Lima: set. 1991.

JARA, Oscar. **Para Sistematizar Experiências**; tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. Ed. Revista - Brasília: MMA. (Série Monitoramento e Avaliação), 2006.

JARA, Oscar. Dylemas y desafios de la sistematización de experiencias. **Alforja**, Costa Rica, 8p. Disponível em <http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html>. Acesso em 29 set. 2010.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**. São Paulo, Paz e Terra, 1992, p. 115.

LOWY, M. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MARQUITT, Erwin. Contradições na dialética e na lógica formal. **Revista Princípios**, São Paulo, n. 43, p. 58-68, jan. 1997. Disponível em:

A sistematização de experiências

<https://www.marxists.org/portugues/tematica/revistas/principios/pdf/043.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MASCARO, Alysson Leandro. **Filosofia do direito**. 6. ed. rev. e atual. – São Paulo: Atlas, 2018.

MARX, K. **O Capital** - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. **Para a crítica da economia política**; Salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p.23-27.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo, Boitempo, 2007, p. 32

PALMA, Diego. **La sistematización como estratégia de conocimiento em la educación popular**. El estado de la cuestión em América Latina. Santiago: CEAAL, 1992. Disponível em: [https://www.u-cursos.cl/medicina/2011/0/TOMIPCO4/1/material\\_docente/bajar?id\\_material=367145](https://www.u-cursos.cl/medicina/2011/0/TOMIPCO4/1/material_docente/bajar?id_material=367145). Acesso em: 15 jun. 2021.

SÁ, Olga. Dialética, transformação e realidade. **Revista Ângulo**, Lorena, n. 128, p. 36-43, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://publicacoes.unifatea.edu.br/index.php/Angulo/article/view/1678/1415> Acesso em: 15 jun. 2021.

SANCHES, Cinara del Arco; ABREU, Lucimar Santiago. O método de sistematização de experiências sociais. In: JORNADA DE ESTUDOS EM ASSENTAMENTOS RURAIS, 8., 2017, Campinas. **Anais...** Campinas: FEAGRI/Unicamp, 2017. Disponível em <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/170478/1/2017AA24.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica**: Marx, Durkheim e Weber. Itajaí, 2001.

SOBRAL, Osvaldo José. Ensaio sobre o método de pesquisa marxista: Uma perspectiva do materialismo dialético. **Revista Científica FacMais**, Inhumas, v. II, n. 1, p. 1-12, jul. 2012. Disponível em: <https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2012/10/1.ENSAIO-SOBRE-O-M%C3%89TODO-DE-PESQUISA-MARXISTA-Osvaldo-Jos%C3%A9-Sobral1.pdf> Acesso em: 15 jun. 2021.

WACHOWICZ, L. A. A DIALÉTICA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 171–181, 2001. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3541>. Acesso em: 15 jun,2021.